

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 45 jul-dez 2021 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de pintura de Judith Leyster (1609–1660) extraído *Do Livro de Tulipas* (1643). Leyster foi a pintora mais famosa da Idade de Ouro holandesa, tendo alcançado um grau de sucesso artístico raro para uma mulher em sua época. Em 1633, tornou-se a primeira mulher a ser admitida como pintora mestre na prestigiosa Guilda de Pintores de Haarlem, obtendo assim o direito de estabelecer seu próprio ateliê-loja e de assumir alunos.

A CIÊNCIA DAS CONEXÕES SINGULARES,
DE VITTORIO MORFINO

Ericka Marie Itokazu
Professora, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil
erickamarie@unb.br

MORFINO, V. *A ciência das conexões singulares*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

Se admitirmos que, inegavelmente, há certas obras que mudaram o curso da história da filosofia, podemos igualmente reconhecer que há certos livros que podem mudar o curso de sua tradição interpretativa, tamanha a sua contribuição ao recolocar as mesmas e antigas questões numa problematização completamente renovada. Certamente, este é o caso de *A ciência das conexões singulares* de Vittorio Morfino, cuja genialidade intelectual faz-se visível pelo menos em três aspectos. Primeiramente, há uma estratégia ímpar na abordagem da filosofia espinosana que tanto implica quanto explica, simultaneamente, a vasta tradição de pesquisa da história dos conceitos filosóficos, tão caros à metafísica, à ética e à política, *anteriores* a Espinosa, quanto na recepção de acolhimento ou recusa da herança espinosana reconhecidamente presente nas divergentes filosofias posteriores.

Tal estratégia se faz estilo na escrita de Vittorio Morfino, um engenho agudo que associa o eruditismo de formação com a rigorosa análise do conceito e de sua história, num texto conciso e preciso, em que os conceitos e argumentos necessários são convocados e construídos, um a um, sem nada faltar ou em nada exceder, tão clara e límpida a escrita que revela certa sabedoria *saggistica* do autor. Desde o título da obra e dos

seus capítulos percebemos o seu modo de abordagem e estilo intelectual: entre o *antes* e o *depois* de Espinosa, a articulação *entre* conceitos de distintos filósofos reforçará a conexão singular *intra* e *inter* filosofias, constantemente presente no entrelaçamento que nelas o autor realiza: a expressão “*ciência da conexão singular*” não apenas apresenta o conteúdo da especificidade de sua interpretação de Espinosa, mas também revela a estratégia singular da articulação interna que permite demonstrá-la.

Em segundo lugar: sem abdicar da precisão do conceito em cada obra de origem analisada (sua relação *intra opera*), Morfino propõe-nos uma nova conexão reflexiva entre obras e entre filósofos que se desdobra, como um efeito em cadeia, numa potência revolucionária jamais vista da filosofia espinosana, reinserindo-a no interior da história da filosofia e transformando-a. Contra as metafísicas do ser ou do sujeito, o ponto desta virada estará na descoberta de um *novo conceito radical de causalidade imanente*, analisado a partir do encontro de Espinosa e Maquiavel, e que permite abandonar o modelo de causalidade do *Tratado da emenda do intelecto* como linear, consecutiva e serial para a demonstrar a causalidade como *connexio* do entrelaçamento da pluralidade múltipla e simultânea que constitui o singular, na *Ética*, desfazendo-se da antiga cisão entre a interioridade e a exterioridade, assim como da relação de exclusão entre necessidade e contingência, repondo-as em determinações recíprocas e dinâmicas inter-relacionais intercambiáveis, como propriedade dos afetos e na circunstância da vida passional que constituem as ações e práticas entretecidas do ser social.

Para demonstrá-la, Morfino convoca noções clássicas como as de substância, causalidade, categoria, relação, acidente, acaso e fortuna de modo inteiramente inovador: para tais conceitos entram em cena os filósofos da metafísica, como Aristóteles, Descartes, Leibniz, mas também aqueles das vertentes materialistas, como Demócrito, Lucrécio, Maquiavel. Nesta análise,

não veremos a tradicional divisão comum aos comentadores partidários de um Espinosa anticartesiano *versus* um Espinosa ultracartesiano, ou de um Espinosa político-materialista *versus* um Espinosa metafísico-idealista, e assim por diante, em que as tradições interpretativas são tão divergentes quanto excludentes.

Diferentemente, Morfino encontra a gênese do conceito na obra de Espinosa a partir de um diálogo entre filosofias e em diálogo com estas mesmas interpretações, colocando em jogo sua conexão singular na ação interna do conceito, encontrando, na filosofia da substância, uma ontologia da relação; na ontologia do necessário, uma filosofia da contingência da forma; no conhecimento *sub specie aeternitatis*, o emergir de uma teoria da temporalidade plural; e, do terceiro gênero de conhecimento intuitivo, a história singular de um povo. Ao longo do texto, o efeito em cadeia destas conexões conceituais avançará para além do espinosismo. Eis aqui o terceiro aspecto que gostaria de destacar.

Desta inovação interpretativa, a filosofia espinosana estabelece um diálogo conceitual no âmago mesmo das filosofias posteriores a ela: Hegel, Marx, Feuerbach, Bloch e Kojève, Jankélévitch e Simondon entram em cena, trazendo a lume um Espinosa contemporâneo que permite repensar e ultrapassar o abismo entre o Althusser estruturalista e o Althusser do materialismo aleatório, simultaneamente recusando o espinosismo idealista e o espinosismo materialista determinista. Contra toda a teleologia, e não por acaso, logo na abertura do primeiro capítulo do livro, Morfino menciona um certo enigma, apresentado a partir de duas citações de Althusser, aparentemente obscuras ao tratar de Espinosa. Ao longo do texto, compreendemos que a aparente obscuridade era, ao fim e ao cabo, a chave para compreendê-lo: um certo espinosismo contemporâneo que, no enraizamento profundo de uma radical causalidade necessária imanente

produz o *nexus causarum* do singular como entrelaçar de causalidades múltiplas e simultâneas entretecidas na finitude e cuja singularidade está posta na duração como persistência existencial, na dinâmica do materialismo do encontro, o *acaso* aristotélico tornado *concursum* lucreciano, no primado da relação entre as coisas, o tempo como “acidente dos acidentes” epicurista transportado para a temporalidade plural: um texto “revolucionário”, no dizer de Marilena Chaui, ou um Espinosa “de ponta cabeça”, para utilizar a expressão de Vladimir Safatle. Seja um ou outro, de todo modo, é um Espinosa que dialoga conosco, com os nossos tempos.

Cada um destes três aspectos que procuramos aqui destacar realiza-se na abertura ao outro e à sua historicidade, um diálogo em sintonia com a multiplicidade de leitores de formações filosóficas diversas, porque a leitura não se esgota e não termina em sua última linha. Desde o princípio, o livro é um convite ao exercício do pensamento também como entrelaçamento *entre nós*, seus leitores, tanto pela compreensão dessa potência revolucionária do espinosismo, quanto pelos afetos que nos atravessam durante essa leitura que reverbera em novos pensamentos e práticas. Percorrer tal livro não nos deixa ilesos, porque nos transforma. Tal foi a experiência da convivência com Vittorio Morfino no Grupo de Espinosanos da USP e nos encontros internacionais realizados em Córdoba, construindo uma relação de amizade profunda e na ressonância de seus textos na tessitura das interpretações das novas gerações de estudiosos de Espinosa, como nos trabalhos de Mariana de Gainza, Daniel Santos Silva, Sebastián Torres, André Menezes da Rocha, e, como não poderia deixar de mencionar, de Diego Lanciote, cujo arcabouço linguístico e o domínio filosófico-conceitual, tão exigidos na tradução da obra, permitiram preservar o rigor e a elegância do texto original, certamente realizada com o mesmo cuidado e afeto que permeia a trajetória da amizade entre ambos, autor e tradutor.